





eduardo barão • pablo fernandez

# EU SOU RICARDO BOECHAT



© Eduardo Barão e Pablo Fernandez

Diretor editorial <i>Marcelo Duarte</i>	Capa <i>Vanessa Sayuri Sawada</i>
Diretora comercial <i>Path Pachas</i>	Diagramação <i>Victor Malta</i>
Diretora de projetos especiais <i>Tatiana Fulas</i>	Foto de capa <i>Eduardo Knapp/Folhapress</i>
Coordenadora editorial <i>Vanessa Sayuri Sawada</i>	Preparação <i>Beatriz de Freitas Moreira</i>
Assistente editorial <i>Olívia Tavares</i>	Revisão <i>Ana Maria Barbosa</i>
	Impressão <i>Lis Gráfica</i>

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA  
PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

Barão, Eduardo  
Eu sou Ricardo Boechat/Eduardo Barão, Pablo Fernandez. –  
1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2019. 208 pp.

ISBN 978-85-7888-746-9

1. Biografia. 2. Ricardo Boechat. I. Fernandez, Pablo. II. Título  
Bibliotecário: Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

2019-1509

CDD: 920  
CDU: 929

2019

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

## AGRADECIMENTOS

À minha esposa Michelle e aos meus filhos Rafael e Tomás, companheiros de todos os momentos, principalmente dos difíceis. A meu irmão Fred e aos meus pais Fátima e Izidoro, que me aguentaram desde cedo. À minha avó Dirce e ao meu bisavô Barão, que me deixaram a paixão pelo rádio e pelo São Paulo. À minha segunda mãe, Mercedes, e à minha amiga Veruska, que me fez chorar com seu lindo prefácio. Ao meu querido parceiro Pablo, e aos meus companheiros da Band, principalmente da BandNews FM, que junto com os ouvintes não deixaram o barco naufragar, apesar da perda de nosso insubstituível capitão.

*Eduardo Barão*

Agradeço, primeiramente, ao próprio Boechat – que deveria estar aqui – pelo privilégio de ter trabalhado e aprendido tanto ao lado dele. À minha mãe, por ser apenas quem é: o maior exemplo de ser humano na Terra. À minha família, incluindo minha mulher, Thais, e minhas filhas Ana Carolina e Giulia, pelo apoio e paciência. Aos meus colegas e amigos de BandNews FM e de outras emissoras, além das fontes cultivadas, que fazem e fizeram parte de toda essa história.

*Pablo Fernandez*



# SUMÁRIO

Prefácio.....	11
Introdução – por Eduardo Barão.....	15
Introdução – por Pablo Fernandez.....	19
A estreia tardia no rádio.....	23
Para se fazer ouvir.....	25
... E tocar as pessoas.....	27
Frank Sinatra: filho de quem?.....	29
Horário brasileiro do Boechat.....	31
Provocador e apostador nato.....	33
O velho sungão vermelho.....	35
Sem a resposta do acusado.....	37
<i>Buemba!, Buemba!</i> A dupla com José Simão.....	39
Aposta sem vencedor.....	41
Ingressos para os Rolling Stones.....	42
A curta vida de repórter de TV.....	44
Perigo, tubarão!.....	45
Última chamada, Boechat!.....	47
Um Twingo para chamar de meu.....	49
Segura o choro, Boechat!.....	51
Corta o microfone dele!.....	53
Você está aí?.....	55
Santo remédio.....	57
“Vai procurar uma rola!”.....	58
“Eu vivo esse momento lindo”.....	61
Rio 2016: “Aqui eu conheço”.....	63
A tragédia dos frangos.....	65

A teoria do vestido verde .....	67
“Não me fode, Pablito!” .....	69
Eterno cantinho .....	71
Coração gigante .....	73
Falta no trabalho abonada .....	75
Arte e ciência: o mecenas oculto .....	77
Pressão! #SQN .....	79
A depressão .....	81
Fala, Jacaré! .....	86
Amigo de Maitê Proença .....	88
Mais apuros: socorro! .....	90
Boate Kiss: 242 dias de revolta .....	91
O Rappa: fã e ídolo .....	93
Bom Dia Brasil .....	96
Até que enfim, férias! .....	97
PGN, o Partido da Genitália Nacional .....	99
“Black bostas” .....	100
A volta às urnas .....	103
Paixão pelo futebol e pelo Flamengo .....	105
“Perdeu, <i>playboy</i> ” – o meme .....	107
É muita loucura sem drogas .....	109
Chefia, prepara o bolso! .....	110
Lixo sobre rodas .....	112
Foto especial .....	113
Neto, me salva! .....	115
O apê do Boechat .....	116
Petrobras: como se fala mesmo? .....	119
Lava Jato: a esperança .....	121
A pasta marrom .....	123
O submundo dos óculos perdidos .....	125

Uma nova agenda .....	126
Moedinhas: quem me ajuda? .....	127
Mototáxi: o risco calculado .....	129
Alguém viu a minha aliança? .....	131
Minha mãe, minha ouvinte .....	132
Bate-boca entre amigos .....	133
Dia de alquimia: a explosão .....	135
O futuro do planeta .....	137
Rock por Aleppo .....	138
Cartilhas e autodescrição .....	139
Um dia de sorte .....	140
Ligado em <i>Tom e Jerry</i> .....	141
Eu pago o baseado .....	143
Âncora do <i>Zoonews</i> .....	145
“Cala a boca, Boechat!” .....	147
Reconhecimento a quem de direito .....	149
Broncas: só sabe quem levou .....	151
Na retórica e na inteligência .....	153
O amor pela notícia .....	154
Amarelo piscante? .....	156
Filhos e mais filhos .....	157
Milton Neves, o Pitonisa .....	159
“Cadê a Paulinha?” .....	161
Deixa que eu chuto! .....	162
Vendedor de jazigos .....	163
A 5ª série B por trás dos microfones .....	165
O assalto no viva-voz .....	167
Basquete: a bola de papel .....	169
Perdeu? Eu também .....	170
Jantar entre inimigos: Petralhas X Coxinhas .....	171

“O que é Instagram?” .....	173
Almoço sagrado: a hora da família .....	175
A espera no alto da escada .....	177
Os quilos a mais em São Paulo .....	178
O primeiro e último livro .....	179
Almofadinha, senão dói .....	181
Nunca é tarde para se reinventar .....	182
O dia do encontro com Reinaldo Azevedo .....	185
Larga a minha cadeira! .....	187
Minha cadeira 2: a obra de arte .....	189
As escapadas no celular .....	191
Duas viagens, quase cem processos e uma derrota .....	192
Margareth e o Brasileirão de 2009 .....	195
Horror a chefes .....	197
O dia do adeus: não era a hora .....	199
O velório: amigos, fãs e conforto .....	204
O primeiro Dia das Mães sem ele .....	206

# PREFÁCIO

POR VERUSKA BOECHAT

O rádio foi a grande paixão do meu marido, Ricardo Boechat, no jornalismo. Embora tenha relutado em aceitar fazê-lo e gostasse de contar publicamente que fui eu que o convenci a isso, ele se apaixonou perdidamente por esse veículo assim que deu o primeiro beijo. Se ressentia de ter demorado a conhecer esse amor, que só veio depois de quarenta anos de jornal impresso e de anos de TV ao vivo.

O que o encantava no rádio não era apenas a possibilidade de contar as suas histórias por longos minutos, sem as amarras do tempo exíguo da televisão ou dos poucos caracteres de uma nota de coluna de jornal. Ele amava a interação em tempo real com os ouvintes de todas as idades e classes sociais, sempre ligando ou escrevendo a todo o momento sobre o que ele tinha acabado de dizer no ar, e amava mais ainda o tanto que cada um desses ouvintes se sentia próximo o suficiente para abordá-lo, elogiá-lo, ou cobrá-lo, como a um parente próximo, por mensagem ou na rua.

E foi nesse ambiente que ele conviveu com Eduardo Barão, Pablo Fernandez e toda a equipe da rádio BandNews FM durante 13 anos, de fevereiro de 2006, quando nos mudamos para São Paulo, a fevereiro de 2019, três, quatro, às vezes até cinco horas por dia, de segunda a sexta. Ali ele se sentia em casa, em família, à vontade para ensinar, para aprender, para dar bronca e para se orgulhar.

Todas as histórias contadas neste livro, juntas, ilustram um pouco do que era o meu marido, invariavelmente o mes-

mo, fosse no ar ou em *off* (fora dos microfones), dentro de casa ou em público, se omitindo jamais, correndo risco sempre.

Quem fosse fã do que ele dizia ao microfone gostava dele de verdade, porque ele não tinha personagem, era o que demonstrava ser.

Eventualmente, gostava de emitir opiniões, que mesmo sendo suas, preferia no ar atribuir à mãe, dona Mercedes, para dar mais isenção, e ela me ligava indignada de ser citada abertamente por confissões que havia feito no privado.

Também atribuía a mim no ar piadas que inventava, como a que eu me recusava a entrar no Twingo dele, e eu brincando ameaçava um dia desmentir por meio do direito de resposta. Ele chegava em casa se gabando, mesmo correndo o risco de levar bronca depois.

Contava para a equipe coisas que fazia “escondido de mim”, como pagar contas e planos de saúde de conhecidos e desconhecidos, e depois vinha me confessar não só o que tinha feito, mas para quem havia contado. Igual a uma criança.

Tinha uma bagagem de informação tão gigante, tão incrível, tão admirável do jornalismo que chegava em cima da hora de entrar no ar e desenvolvia de cabeça raciocínios que muitas vezes pautariam noticiários da própria Band e da concorrência naquele dia. Na época em que teve depressão, foi difícil fazê-lo entender que aquilo a que ele estava acostumado, o improvisado, não era normal, que o normal era se preparar minutos antes, eventualmente até escrever o texto de abertura, como ele precisou fazer durante um período. Várias vezes vendo a agonia pela qual ele passou naquela época diante da necessidade de se preparar um pouco, eu brinquei: “Bem-vindo ao mundo dos simples mortais”.

Durante anos a fio, ele suou de nervoso na hora mais esperada do seu programa, o dueto com José Simão. A necessidade daqueles minutos do quadro corresponderem diariamente às altas expectativas dos ouvintes o apavorava.

Eu nunca disse isso antes ao Barão, mas ele tinha ódio do fato de que em várias ocasiões, justamente na “hora do Simão”, o Barão saía do estúdio, em vez de estar lá para ajudá-lo a interagir. Perdi as contas de quantas vezes ele chegou em casa magoado. Mas a mágoa durava meio segundo.

Cada história vivida entre Ricardo Boechat e todo o pessoal da rádio era uma história que ele levava para casa, cada problema de cada um deles também passava a ser um problema dele. E é por isso que mesmo neste momento em que a minha dor e a das minhas filhas é tão recente, em que a ferida ainda está tão aberta pela perda do meu grande amor e pai incrível das minhas duas filhas, eu aceitei mexer em meus sentimentos e lembrar com saudade histórias dele para escrever este prefácio – tarefa que faço aos prantos e que não teria aceitado fazer por ninguém que não fosse realmente tão próximo e tão querido por ele, como eram Barão e Pablo. Agradeço de coração pela homenagem a alguém que fazia da ajuda ao próximo uma rotina de vida.



# INTRODUÇÃO

POR EDUARDO BARÃO

Em outubro de 2018, eu e Ricardo Boechat tivemos esta conversa nos estúdios da rádio BandNews FM, em São Paulo:

“Boechat, preciso te falar uma coisa.”

“Diga, Baronete, o que manda?”

“Sabe aquela história de ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro?”

“Sei, o que tem?”

“Então, tenho dois filhos, plantei aquele feijão no algodão numa experiência na escola e decidi que vou escrever um livro.”

“E sobre o que tu vai escrever, Baronete?”

“Pensei em falar sobre as histórias que a gente viveu ao longo de mais de uma década aqui na rádio. Conversas que foram ao ar, alguns bastidores, enfim, descrever um pouco dessa bagunça diária.”

“Mas como você vai fazer isso?”

“Olha, Boechat, eu gosto muito do escritor Mario Prata e pensei em contar pequenas histórias como ele fez no livro *Minhas mulheres e meus homens*.”

“Mas você vai pegar histórias só minhas ou dos outros da rádio?”

“Você é o foco principal por motivos óbvios, mas outras pessoas, não só aqui da rádio, como da TV Band, também estarão no livro.”

“Beleza, Baronete! Boa sorte. Só não vai me pedir para es-

crever nenhuma orelha do livro. Você sabe que qualquer texto que faço vira uma tortura por causa do meu perfeccionismo.”

“Claro, Boechat, não vou pedir.”

Mas, na verdade, depois eu ia acabar pedindo. E ele sabia que, apesar de resmungar, toparia escrever. Mas não deu tempo. Tudo por causa do trágico acidente de helicóptero que levou o mais brilhante jornalista do país em 11 de fevereiro de 2019.

Por um momento, decidi que não iria mais terminar o livro, que já reunia alguns rascunhos. Logo depois, em meio a tantas homenagens prestadas em todo o país, com tantas histórias sendo lembradas, a vontade de retomar o projeto ganhou força. Mas, dessa vez, apenas com histórias sobre Boechat.

Ainda em meio as sessões de terapia, pedi ajuda ao meu companheiro e editor do jornal do Boechat e da coluna que eles assinavam na *IstoÉ*, Pablo Fernandez, para coletar histórias do âncora de notícias mais popular do país.

O rádio é uma delícia para quem ouve, mas é ainda mais envolvente para quem está do outro lado, atrás dos microfones. Apesar da pressão diária para dar as notícias em tempo real, aprofundar os temas e opinar, o tempo para quem está no estúdio transcorre num compasso diferente. Um minuto é muito. E em muitos minutos passados diariamente dentro do estúdio, damos muitas informações, mas também conversamos bastante.

E com Boechat as conversas sempre foram sensacionais. Quando os assuntos eram as notícias, eu e os outros colegas de estúdio tínhamos ali a companhia de uma mente brilhante, astuta, inquieta, inconformada. Mas sobrava muito tempo para conversar sobre a vida pessoal, contar os causos, os desafios e falar besteiras. Muitas besteiras!

Fora do ar, nos intervalos, com os microfones desligados, ríamos com as histórias de vida do peladeiro de Niterói, abríamos o coração falando sobre questões pessoais e, claro, jamais perdíamos a chance de dar boas risadas.

Em quase quatro décadas de carreira, Boechat já tinha passado por poucas e boas e compartilhou muitas histórias com os ouvintes ao longo dos quase 14 anos na BandNews FM.

A BandNews FM e Ricardo Boechat eram um casamento perfeito. A rádio nasceu para ser ágil, com notícias atualizadas em jornais de vinte minutos, atual em várias frentes, com um time de colunistas em áreas que interessavam a todos e, principalmente, um veículo aberto à participação do ouvinte.

Ao longo dos anos, com o aumento das ferramentas de interação, das redes sociais e de aplicativos de mensagens, essa missão de pôr o ouvinte no ar ganhou ainda mais força.

Quando Ricardo Boechat chegou, encontrou ali uma redação enxuta, composta principalmente de jovens jornalistas. Era o ambiente perfeito para mostrar como realmente era. Ali, ele conseguiu expor seu lado de jornalista brilhante e também a sua personalidade autêntica, despojada, simples e verdadeira. Foi a oportunidade de mostrar como um ser humano extraordinário como Boechat se consolidaria como mais importante jornalista do país.

Todos os dias, pela manhã, mostrava como sentia desprezo por autoridades, mas mantinha um profundo respeito pelas pessoas e pela divergência de opiniões. Sua inconformidade com a injustiça era tão grande quanto a sua capacidade de dar gargalhadas, como bem sabiam os fãs do Boechat, que se acostumaram a ouvir suas risadas no ar com José Simão, com o sorriso largo em matérias e na bancada do *Jornal da Band*.

Ainda tive o privilégio de ter o texto de abertura da minha amiga Veruska Seibel Boechat, que ficou eternizada pelo Careca como Doce Veruska. E textos da minha segunda mãe, dona Mercedes Carrascal, que encantou o país com sua lucidez e inteligência afiadas, que mostram de onde vieram esses mesmos traços do Boechat.

Ao longo deste livro você irá encontrar histórias que foram escritas em primeira pessoa por mim ou por Pablo Fernandez, pois vivemos esses fatos – ao final dos textos colocamos as iniciais dos nossos nomes (E.B. e P.F.). E outras em terceira pessoa, quando contamos histórias que ouvimos.

Prepare-se para rir e chorar, mas nunca ficar indiferente. Como Boechat dizia: “Eu vim para esse mundo para transformar de alguma forma a vida das pessoas”.

Seja então transformado por *Eu sou Ricardo Boechat*.

# INTRODUÇÃO

POR PABLO FERNANDEZ

Foi o acaso que me colocou ao lado do meu grande ídolo, Ricardo Boechat, e me trouxe aqui para, junto do Eduardo Barão, contar as histórias dele. E quantas histórias!

Em 2012, quando cheguei à BandNews FM, não imaginava o que viria pela frente. Saído da Jovem Pan depois de sete anos trabalhando de madrugada e fazendo o *Jornal da Manhã*, fui contratado para trabalhar no horário da tarde. Ufa! Finalmente eu dormiria até mais tarde. O cargo era de editor.

Em pouco tempo, sem perceber, passei a fazer o que mais gostava, e ainda gosto: investigar. Isso só foi possível graças à ajuda e ao apoio da então chefe de reportagem e hoje diretora da BandNews FM, Sheila Magalhães. Foi ela quem me fez acreditar que eu era capaz, e aquilo foi só o começo. Eu não sabia.

De repente, as coisas mudaram, e eu não queria mais dormir tanto. Pela manhã, acordava às 7:30 horas só para ficar ouvindo o horário do Boechat e ver se as minhas reportagens entrariam no ar e seriam comentadas por ele. Eu me frustrei algumas vezes, mas o acaso quis que, depois de três meses, eu passasse a trabalhar ao lado dele. Fui convocado pela chefia. Tive medo.

Eram muitas dúvidas. Ele tinha a fama de ser muito exigente – e era. Não bastasse, trabalharia ainda com Eduardo Barão e com a Tatiana Vasconcellos, dois dos grandes apresentadores do rádio brasileiro. Mais tarde, Carla Bigatto assumiria o lugar da Tatiana.

Era a minha oportunidade de sugar tudo daquele cara espetacular e, o mais importante, ganhar a sua confiança. Por isso, não abandonei a investigação. Sempre arrumava tempo, mesmo quase não tendo algum de sobra.

E, mais uma vez, o acaso se fez presente.

Depois de passar por um dos momentos mais difíceis da minha vida (assim como ele, tive depressão), me reergui e pensei: é agora ou nunca! Como já fazia reportagens em São Paulo e tinha acumulado muitos contatos, passei a mexer com o pessoal do terceiro andar: Executivo, Legislativo e Judiciário.

Boechat acreditou em mim e, para a minha surpresa, fui privilegiado com o convite para fazer, ao lado dele e do Ronaldo Herdy, a coluna na revista *IstoÉ*. Eu tinha ganhado mais uma chance de mostrar o que havia aprendido com ele.

Eu me relacionava com Boechat o dia todo. De manhã, na rádio e, à tarde, na coluna. Às vezes, recebia ligações dele nos intervalos do *Jornal da Band*. Queria tirar dúvidas ou obter alguma informação. Poucos tinham ou tiveram a mesma oportunidade. Era o meu espelho dizendo o que eu deveria ou não fazer e até perguntando a mim algo que, acredite, não sabia. Levei muita bronca e garanto que aprendi com todas. “Pablito, esse tipo de fonte não vai te levar a nada. Liga direto! Vai na jugular”, dizia.

Como poucos, eu podia falar em nome do Boechat com qualquer um, autoridade ou não. E como ele era respeitado! Era a chave para abrir qualquer porta. Eu sentia orgulho e admiração.

E é isso que devemos sentir por ele. Boechat sabia lidar com todos os tipos de pessoa, independentemente de raça, cor, gênero, credo, língua, opinião ou classe social. Não fazia diferença. Ao lado disso, ele tinha ojeriza à desonestidade.